

Suplemento Cultural

Panela

O povo guiado por líderes incapazes e ideias perversas

RAQUEL NAVEIRA

A panela está fervendo. Abro a tampa. Vejo a efervescência provocada pela ebulição. Que operação mágica essa do fogo sobre o líquido. O caldo de carne e legumes está grosso e cheiroso. Nesta noite fria, logo dará vigor ao meu corpo e regeneração à minha alma.

Lembrei-me de um antigo conto infantil escrito pelos irmãos Grimm. Houve uma vez, uma moça pobre e bonita, que vivia só com a mãe. Chegou um dia em que nada tinham para comer. A moça foi à floresta e lá encontrou uma velha que lhe deu uma panelinha. Bastava dizer: “panelinha, faz mingau” e logo a panelinha preparava um mingau doce de farinha amarela, uma delícia. Bastava dizer, “chega, panelinha” e ela parava de fazer mingau. Desde então, mãe e filha ficaram livres da penúria. Um dia em que a moça teve de sair, a mãe disse: “faz mingau, panelinha”. A panelinha pôs-se a fazer mingau. A mãe queria mandar a panelinha parar, mas não falava a palavra certa. O mingau foi aumentando, aumentando, transbordou, encheu a casa, a casa da vizinha, a rua e tudo o mais, como se quisesse alimentar o mundo inteiro. A fantasia do alimento inesgotável, do maná caindo do céu. E o descontrolado de nossa vontade.

Nas histórias também aparece sempre a bruxa na cozinha, local das transformações alquímicas, com seus caldeirões e poções. Impressionante aquela cena da peça teatral “Macbeth”, de Shakespeare, que conta o assassinato do rei da Escócia e suas consequências,



Cidade administrada ao fogo maligno da corrupção...

quando Macbeth, o assassino, vai procurar as três bruxas, as três irmãs feitiçeras, misteriosas e sombrias. Ele as encontra numa gruta, a ferver num caldeirão uma beberagem feita de filés de serpente do pântano, olhos de salamandra, língua de cão, pelos de morcego, pé de sapo, perna de lagarto, asa de coruja e outras coisas nojentas. Mexem e remexem o encantamento poderoso. O caldo infernal ferve, o fogo queima, o caldeirão borbulha. Macbeth, já completamente tomado pelo Mal, exige que elas digam o que vai acontecer. As feitiçeras preveem o desastre, mas ele sai convencido de que está em segurança. Marcha, orgulhoso, para o seu fim. O fim trágico dos ambiciosos.

Cora Coralina, a poeta goiana, deu

o testemunho de um estranho caso. Afirma num relato do seu livro “Poesia de Cordel”, que conheceu uma mulher pobre, de origem italiana, carregada de filhos, que morava num bairro rural. Era uma mulher de fé assentada na rocha. Um dia, quando não tinha nenhuma raiz de mandioca para a sopa, nem um ovo para misturar com farinha, ouviu uma voz que dizia: “Faz uma sopa de pedra”. Ela então pegou a panela, encheu de água, lavou uma pedra escura, colocou-a no centro, juntou uma colher de sal, avivou o fogo e tampou. De repente, o tom da fervura mudou, veio o aroma de comida gorda e quente. Quando ela abriu a panela, todos deram gritos de alegria, pois ali estava uma sopa estufada e succulenta. Comeram, fartaram-se e ainda sobrou. Depois daquele dia milagroso, a família prosperou com lavouras de milho, arroz e feijão. E se Cora Coralina acreditou, acredito eu.

As cidades são panelas fervendo. Enormes caldeiras. Há uma passagem bíblica sobre o anúncio do cerco de Jerusalém em que o profeta propõe uma parábola aos rebeldes dizendo-lhes que preparem a panela, derramem água dentro, juntem pedaços de coxas e espáduas, ossos escolhidos e ferveram. A cidade sanguinária é assim como uma panela evaporando. Cozinha até evaporar o caldo, esturricar os ossos, purificar a ferrugem. Trata-se de uma alusão aos crimes cometidos a torto e a direito, ao sangue vertido pelas esquinas, à violência aumentando nos lares, ao clamor por vingança e por justiça.

“

As cidades são panelas fervendo. Enormes caldeiras. (...) Trata-se de uma alusão aos crimes cometidos a torto e a direito, ao sangue vertido pelas esquinas, à violência aumentando nos lares, ao clamor por vingança e por justiça”

Subi no ponto mais alto da cidade de São Paulo, o Pico do Jaraguá, palco de guerras entre bandeirantes e índios. Lugar de exploração de ouro no passado. De lá, do topo, entre bicadas d’água e silêncio, tive uma visão. A cidade imensa, os edifícios erguidos como palitos, esculturas de ossos, pareceu-me uma panela, um caldeirão transbordando desventuras. O povo, guiado por líderes incapazes e ideias perversas, soprava as chamas da devastação. Tudo era catástrofe e escuma. Opressão de uma situação complexa e caótica. De repente, percebi em alguns espaços a vegetação verde, a esperança fervendo por dentro e pelas bordas do abismo, vindo da tenacidade e da resistência, germinando no meio do cansaço. A lenha amontoada sob o caldeirão ardia, rolos de fumaça cinza se estendiam pelos ares assinalando novos caminhos na neblina.

Delirei. A panela está fervendo. Nesta noite fria, creio no poder das transmutações e num conforto divino em forma de sopa.

POESIAS

A BÊNÇÃO DA CHUVA

Chove chuva no Nordeste,
Molha a seca matadeira,
Jorra a água na torneira
E se acaba a aridez.
O campônio rude e forte
Louva a Deus, por essa graça,
Beija a terra, então se abraça,
Volta a vida outra vez.

Põe, no chão, a sementeira
Que é prelúdio de colheita.
Cada árvore se enfeita
De folhagem, de verdor.
No casebre, que é pobreza,
Há um sonho de abundância,
Chove a chuva da esperança,
Reflorescem paz e amor.

É a chuva, quando chove,
Que transforma tudo em vida.
A miséria dolorida
Se transforma em farto pão.
Nasce a planta, a planta cresce,
Abre em flor, cachos dourados,
E os que ficam enterrados
Também alimento são.

Quanta bênção é a chuva
Fecundando sempre a terra,
Que mistérios ela encerra,
Na riqueza que ela é.
É um dom da Natureza,
Quando cai, lá da altura,
Sobre a terra, é fartura,
Mas na alma é pura fé.

ADAIR JOSÉ DE AGUIAR

ANTES DE SER PORTUGUÊS, MATO GROSSO DO SUL FOI ESPANHOL

JOSÉ BARBOSA RODRIGUES – BENE-MÉRITO E EX-PRESIDENTE DA ASL

Para nós que vivemos no interior do Brasil, principalmente no Centro-Oeste, a história regional está profundamente ligada à história da Espanha e, em consequência, à história da República do Paraguai.

Antes da penetração empreendida pelos portugueses, todo o interior brasileiro, desde o Equador até abaixo de Buenos Aires, de acordo com o Tratado de Tordesilhas, pertencia à Espanha, cabendo a Portugal apenas uma faixa de terra litorânea, compreendida entre o Oceano Atlântico e uma linha reta (Meridiano de Tordesilhas) que provavelmente passava na altura das atuais cidades de Belém (Pará) e Laguna (Santa Catarina).

Baseado naquele tratado (Tordesilhas), a Coroa de Espanha, ao cuidar do povoamento das terras que lhe pertenciam, houve por bem criar a província (Adelantazgo) do Rio de La Plata, enquanto que Portugal criava as Capitânicas Hereditárias.

Além do território argentino, o Adelantazgo abrangia a atual República do Paraguai e grande parte do território brasileiro, os quais permaneceram unidos mesmo depois da separação das duas ibéricas, Portugal e Espanha, em 1610.

Assim é que, para os estudiosos da nossa história regional, torna-se impossível separar política e administrativamente as duas regiões. Conseqüentemente, a história do Adelantazgo ou da Província do Rio de La Plata é a mesma de Mato Grosso do Sul. Os primeiros povoadores do Paraguai são os primeiros devassadores do nosso Estado. As terras sul-mato-grossenses e as dos guaranis devem ser consideradas como irmãs gêmeas, umbilicalmente unidas, união essa de liames muito mais fortes que aqueles que nos ligaram à gente cuiabana ou norte-mato-grossense.

Colocado em posição de independência e sem se deixar influenciar por um patriotismo ilusório, cabe ao historiador moderno, sempre que possível, reconhecer e proclamar a existência dessa ligação histórica. A verdade, a grande verdade é que antes de ser possessão portuguesa, o interior brasileiro, principalmente Mato Grosso do Sul, foi possessão espanhola.

As sogras vão para o Céu

THERESA HILCAR

Eu cheguei bem perto do ouvido dela e falei: me perdoa. Ela respondeu que não havia nada para perdoar; mas eu sabia que havia sim, e muito. Depois de três décadas, dois netos, uma separação, muitas distâncias, várias internações hospitalares, e a fragilidade do seu corpo de 84 anos, eu, finalmente, conseguia admitir: minha culpa, minha máxima culpa. Sogras deviam ir direto para o céu, eu disse. Ela sorriu. Abraçamo-nos.

Nós, as noras, chegamos sorrateiramente, com sorrisinhos e mesuras, e levamos seus meninos. Sem dó, nem piedade. Nem nos damos conta das suas histórias. Não nos preocupamos em saber que elas, as sogras, geraram, pariram e cuidaram dos nossos homens. Que diferença faz saber que passaram noites em claro, dando-lhes coragem para ir em frente? Alguém, provavelmente que nunca teve filhos, escreveu certa vez: “seus filhos não são seus filhos...”. Um tolo. Filósofo de bobagens.

Pois se não são, por que haveríamos de cuidá-las, niná-las com canções, sofrer por cada espirro, cada cólica, cada machucado? Porque nos deixam apegar ao choro, às fraldas, ao primeiro sorriso, à primeira palavra, aos primeiros passos?

Se não são nossos filhos, deveriam ser levados pra longe de nós ao nascer. Ainda com o toco do cordão que nos liga. Não entendo por que nos deixam errar e acertar, acertar e errar? Se não são nossos filhos, por que amá-los tanto a ponto de lhes dar a própria vida se for preciso?

Ao invés disto, criamos mais cordões. Conhecemos detalhes da voz, do sono, dos cabelos, dos suspiros, das palavras interrompidas. E quando estão prontos, chega alguém e os carrega pra bem longe de nós. Passamos de imprescindíveis a incômodas. Desnecessárias. Com o tempo vêm as comparações, as intrigas sem sentido, os ciúmes e o risco da indiferença.

É preciso viver, sofrer, aprender para finalmente reconhecer que fomos tolas. Que amar o mesmo homem, ainda que de maneira distinta, deveria unir as mulheres. Não separá-las. Que amor é diferente de apego. Que a paixão passa. E embora tenhamos dois caminhos para o crescimento – do amor e da dor – escolhemos sempre o último. Não se sabe o porquê.

Então ela me olha novamente e diz que está tudo bem? Somos amigas agora. Mas só agora? Não, há muito tempo, responde com voz mansa e tranquila. Digo que uma vida só não basta para pedir desculpas pelas minhas tolices, pela disputa inglória. Por todas as vezes que não cresci. Me perdoa! Ela pega minha mão e diz que me ama. Apesar de tudo. E eu a amo profundamente e verdadeiramente. Sogras são nossas mães pelo avesso. E deveriam ir direto para o céu. Sem escalas.

FANTASIA – Meu sonho e uma fada

ANTONIO LOPES LINS

No meu sonho, um castelo azul surgia em cima da montanha. Os flancos da montanha brilhavam ao sol poente. Eu queria chegar ao castelo, onde morava a fada daquele sonho.

Meus pés doíam com a longa caminhada. E a montanha, cada vez mais distante, parecia afastar-se mais depressa do que eu me aproximava, como se fosse o símbolo de um anseio irrealizável.

Eu devia prosseguir, fossem quais fossem as dificuldades. No meu pensamento surgiam todos os obstáculos que se antepunham à caminhada dos heróis de lendas em busca da princesa cativa. Quais abismos, ou rios, dragões ou outros inimigos implacáveis surgiriam no meu caminho?

Obteria o gládio para matar o dragão. Teria asas de Ícaro para transpor os precipícios, vadearia o rio no lombo do peixe que eu libertara, quando pequeno alevino, da voracidade de outro peixe. E transformaria o monstro em meu escravo, para libertar minha fada.

No meu sonho, porém, nada disso acontecia. Apenas a montanha se distanciava enquanto o sol se punha e o castelo desaparecia na penumbra. Eu quase já não via. O azul não resistia à escuridão e desaparecia. Ficaram sombras indefinidas, o caminho áspero e cheio de pedrouços magoados-me os pés doloridos. A montanha já se confundia com o céu – e a terra e céu, escuros e hostis, misturavam-se no desespero de minha alma.

Que faria eu, dentro da noite, sem norte e sem abrigo, em busca de uma quimera? De que serviria minha obstinação, minha tenacidade, se as forças da natureza se antepunham e me esmagavam? Para onde iria eu ainda, meu Deus?

Parei, indeciso. Um meteoro riscou o firmamento, em um longo traço de luz. Vagalumes em ondas chegaram e começaram a brilhar em minha frente. Com aqueles sinais, nascia uma esperança. Havia algo que me protegia naquela caminhada. Talvez minha fada, de tão longe, procurasse proteger-me, instilando coragem aos meus passos e alento a meu corpo.

Onde está, agora, a montanha? Em mi-

nha frente, ao meu lado, ou eu já regressava, errante, nas curvas do caminho?

Oh fada inatingível, esperança, quimera, ilusão – salva a minha fé e protege meu sonho! Eu te quero porque tu és o meu consolo, minha estrela, a luz nas trevas, a aurora a após uma noite de tempestade...

Já não dou um passo. Pressinto o primeiro obstáculo: o precipício, sem trilhas de acesso, no fundo do qual corre o rio da lenda. Não tenho asas, nem ave ou peixe algum acode ao meu chamado. Um vento frio vem debaixo, mostrando que não há mais terra adiante de mim.

Sento-me na barranca, dominado pelo vil sentimento do desânimo e em vão procuro perscrutar as trevas. Meus pés estão sobre o abismo. E longe, muito longe, no nadir, o murmúrio de águas encachoeiradas.

Parar é impossível porque morreria de tédio. Minha alma, sem ambição, afundaria no caos. Prosseguir não posso porque nada mais há sob meus pés. O eco longínquo de uma torrente caindo sobre pedras enche meu ser de uma dolente e morna vontade de aniquilamento. Talvez no fundo daquele rio turbulento encontre algo de imaterial e imponderável que me faça vencer ou esquecer.

A esperança do impossível me anima. Se nada mais houver, encontrarei a fonte do supremo esquecimento. Vou atingi-la. Uma gota daquela água ou turbilhão telúrico me farão esquecer, talvez encontre a paz, mesmo que seja a paz do nada, a paz do fim.

Rio da lenda, abismo da minha frustração, cachoeira fantástica – afastai-vos ou acolhei-me. Fazei-me atingir meu sonho ou deixai-me ficar, no meu sonho, pela eternidade da noite...

Abri os braços. Sorvi a plenos pulmões o ar frio, o vento que vadeara o rio, atravessara a cachoeira e passara nas ameias do castelo azul. E atirei-me...

E tu – fada do castelo azul, ninfa de uma fonte do Olimpo, sereia de um mar encantado, deusa dos sonhos de todos os poetas – estendeste-me um alado tapete, recolheste-me no vácuo e me transportaste para o teu castelo, para a magia dos teus braços, para a felicidade de tuas carícias.

Enquanto não acordei, fui o homem mais feliz do mundo...